

# AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ E O PROSELITISMO FACE A FACE EM PORTUGAL<sup>1</sup>

*Claudia Wolff Swatowiski<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo aborda as dinâmicas do proselitismo face a face dos Testemunhas de Jeová em Portugal, considerando as resistências que se impõem na sua relação com a alteridade e os recursos acionados pelo grupo na tentativa de superá-las. A partir de um estudo de caso, proponho-me a explicitar como os TJ tentam contornar o estigma construído em torno do grupo e as tensões que atravessam a interação com aqueles que pretendem converter. Analiso como os Testemunhas de Jeová se preparam para a tarefa proselitista e como interpretam a reatividade que frequentemente encontram ao bater de porta em porta.

**Palavras-chave:** Testemunhas de Jeová, Portugal, proselitismo, estigma, alteridade.

## JEHOVAH'S WITNESSES AND PROSELYTISM FACE TO FACE IN PORTUGAL

**Abstract:** This article discusses the dynamics of the Jehovah's Witnesses face to face proselytism in Portugal, considering the resistances that are imposed in their relation with alterity and resources triggered by the group in an attempt to overcome them. From a case study, I propose to explain how TJ try to circumvent the stigma built around the group and the tensions which cross the interaction with those who wish to convert. I analyze how the Jehovah's Witnesses prepare themselves for the proselytizing task and how they interpret the reactivity often found when knocking on the door of other.

**Keywords:** Jehovah's Witnesses, Portugal, proselytism, stigma, alterity.

Presentes em Portugal desde 1925, os Testemunhas de Jeová (TJ) passaram por um longo período de ostracismo e clandestinidade durante o Estado Novo (1933-1974). Com a Revolução dos Cravos, os TJ ganharam liberdade para realizar suas atividades no país. Desde então, a denominação cresceu em número de participantes e de lugares de culto. Em 2000, existiam mais de 700 congregações que se reuniam em 400 Salões do Reino (Associação das Testemunhas de Jeová, 2000). Em 2012, estimou-se que cerca de 100 mil residentes de Portugal assistiam às reuniões dos TJ ou participavam de estudos bíblicos

---

<sup>1</sup>Este artigo é uma versão modificada do capítulo 3 do livro “Novos cristãos em Lisboa: reconhecendo estigmas, negociando estereótipos” (Garamond, 2013). Na publicação, apresento uma discussão mais ampla sobre o contexto português, do bairro onde esta pesquisa foi realizada e uma visão comparativa com outras duas denominações cristãs – a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Evangélica Filadélfia, frequentada por ciganos.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: swatowiski@ufu.br.

com um publicador (Anuário das Testemunhas de Jeová, 2012) <sup>3</sup>. Pesquisas apontam que o grupo religioso cresceu 50% entre 1999 e 2012<sup>4</sup>.

Apesar do significativo crescimento, ao longo de sua trajetória, os Testemunhas de Jeová têm tido que contornar o estigma que carregam e lidar com uma forte reatividade a sua insistente abordagem proselitista. Ao circular de casa em casa, os TJ enfrentam o desafio produzir uma interação bem-sucedida a partir do lugar social relativamente marginal que ocupam. Mas, como os TJ lidam com a resistência que enfrentam?

Neste artigo, apresento as dinâmicas do proselitismo face a face dos Testemunhas de Jeová, destacando os principais pontos de resistência ao grupo e a sua mensagem. Proponho-me a explicitar as tensões que emergem na interação desses religiosos com a alteridade, bem como sinalizar algumas pontes que viabilizam uma receptividade positiva e, eventualmente, a conversão. Sublinho que os TJ acionam diversos recursos e estratégias perante um público heterogêneo, e o fazem de maneira sistemática e institucionalizada.

Para tanto, apoio-me em um estudo de caso realizado entre 2007 e 2008<sup>5</sup>, em Lisboa. Cheguei a um Salão do Reino ao mapear os espaços de cultos existentes na Ajuda, freguesia localizada na parte ocidental de Lisboa, próximo a Belém. Interessada em saber mais sobre a história daquele grupo religioso em Portugal e da sua inserção no contexto local, dirigi-me ao responsável pela congregação – chamado ancião<sup>6</sup> – que apontou Lourdes para conversar comigo. Ela estava acompanhada de seu marido, Edgar. O casal, na faixa dos 70 anos de idade, era Testemunha de Jeová há bastante tempo. Lourdes foi a primeira a aderir – ainda na década de 60. Era cabeleireira e uma cliente lhe deu um testemunho. Começou a estudar e se converteu impressionada com as explicações que recebia. Edgar aproximou-se lentamente e converteu-se dez anos depois. Sem filhos, os dois moravam em um apartamento simples, mas muito bem ajeitado, na área central da Ajuda.

Durante um ano mantive contato próximo com o casal. Realizei estudo bíblico e frequentei reuniões no espaço de cultos com eles. Participei de alguns grandes eventos e conheci diferentes espaços institucionais a convite deles. Foi também através deles que tive acesso a outras pessoas deste grupo religioso.

## OS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ EM PORTUGAL

Os Testemunhas de Jeová surgiram na década de 1870 nos Estados Unidos, em um contexto de revivalismo e emergência de novos grupos religiosos. Há registros de que seu fundador, Charles Taze Russell, filho de presbiterianos, teve passagem pela Igreja Congregacional antes de aderir ao movimento adventista. Após um cálculo fracassado da data da segunda vinda de Cristo, Russell desligou-se dos Adventistas e criou um novo grupo religioso. Inicialmente chamavam-se Movimento dos Estudantes da Bíblia (*Bible Student Movement*). Em 1931 adotaram, em escala mundial, o nome Testemunhas de Jeová (Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino, 1993).

Segundo registros da própria organização, os Testemunhas de Jeová iniciaram suas atividades em Portugal com uma palestra pública em Lisboa. Em 1925, o advogado e pregador Joseph Franklin Rutherford, sucessor de Russell na presidência da organização

---

<sup>3</sup> É chamado publicador todo aquele Testemunha de Jeová que é habilitado para o proselitismo, seja ele batizado ou não.

<sup>4</sup> Dados divulgados pelo estudo do Centro de Estudos de Religiões e Culturas (CERC) da Universidade Católica Portuguesa apontam que entre 1999 e 2012 o número de pessoas que se declaravam Testemunhas de Jeová no país cresceu de 1% para 1,5%.

<sup>5</sup> Nesse período, eu estava em Lisboa para pesquisa de campo para minha tese de doutorado, vinculada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa como Investigadora Visitante, com bolsa da CAPES.

<sup>6</sup> O ancião é um publicador experiente, do sexo masculino, capaz de ensinar com competência a doutrina TJ e comprometido “de coração” com os interesses da congregação. Ele reflete a valorização de uma integridade moral e do comportamento exemplar de um chefe de família (BECKFORD, 1975).

desde 1917, subiu ao palco do Liceu Luís de Camões para falar sobre “Como viver na terra para sempre”. Segundo os TJ, mais de dois mil espectadores lotaram o teatro e outras centenas não conseguiram entrar por falta de espaço. Imediatamente foi lançada uma revista mensal, a Torre de Vigia, assim como folhetos e livros destinados à evangelização começaram a circular, ainda em nome da Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia.

Em 1927, foi autorizada a reunião de pessoas para estudos bíblicos na casa do então responsável pela organização em Portugal, o brasileiro Virgílio Ferguson (PINTO, 2002). O grupo viveu momentos difíceis ao longo desses 88 anos no território português. Se, inicialmente, era possível fazer proselitismo e promover reuniões com relativa liberdade, a situação se complicou com o início do Estado Novo, em 1933. Duas tentativas de legalização da organização, uma em 1952 e outra em 1961, falharam (Associação das Testemunhas de Jeová, 2000). A publicação mensal da Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia ficou sujeita à censura. Em pouco tempo o nome passou de Torre de Vigia a Luz e Verdade. Em 1956, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) começou a frequentar as reuniões dos TJ e alguns missionários foram expulsos do país.

Segundo registros dos Testemunhas de Jeová, o quadro se agravou com o início da guerra colonial, em 1961. A presença de TJ na África levou a PIDE a anunciar uma suposta ligação entre o comunismo e a organização religiosa para penetração nas colônias. Ao mesmo tempo, sistematicamente, os TJ se recusavam a juntar-se às tropas por objeção de consciência (Associação das Testemunhas de Jeová, 2000).

Os Testemunhas de Jeová entendem que todos os seres humanos são irmãos e não devem matar uns aos outros por questões políticas. Eles consideram que o mundo organizado em Estados-nação é um sistema perverso criado por influência de uma entidade maligna – Satanás. Para os TJ, a lei divina proclama uma terra não dividida (MONTENEGRO, 1996). Assim, orienta-se: “não importa em que país vivam, os verdadeiros seguidores de Jesus são súditos de seu Reino celestial, mantendo assim estrita neutralidade nos assuntos políticos do mundo. Eles não participam nos seus conflitos” (O QUE A BÍBLIA REALMENTE ENSINA?, 2005, p. 149). Tal postura foi percebida como subversão e antinacionalismo, agravando a condição dos TJ nas guerras coloniais.

O historiador português Luís Vaz registrou: “Defendendo a liberdade de não se alistar no exército, recusando-se, portanto, a combater, formulando reservas o tocante ao respeito que se deve ao nosso governo e bandeira, levariam inúmeras pessoas a deixar de cumprir o dever para com a Pátria, no preciso momento em que se trata, além do mais, da sobrevivência de Portugal” (VAZ, 1967, p. 9).

Em função disso, foram adotadas medidas repressivas e de dissolução dos núcleos TJ nas colônias e em Portugal. Em 1964, o Ministério do Interior comunicava oficialmente que os TJ eram considerados uma organização com fins políticos próximos a movimentos totalitaristas (PINTO, 2002). 49 Testemunhas de Jeová foram julgadas em 15 de Junho de 1966, em Almada, por atividades contra a segurança do Estado (Diário de Notícias, 15/06/1966). Alguns deles foram condenados a até cinco meses de prisão.

Entre 1961 e 1974, centenas de TJ foram detidos, muitos espancados e torturados sob a acusação de comunismo. No mesmo período, missionários continuavam sendo expulsos de Portugal. Os Salões do Reino foram fechados. A literatura produzida pelos TJ foi censurada e todo material apreendido, queimado. Muitas testemunhas de Jeová foram a julgamento por “reunião não autorizada” ou “instigação ou provocação à desobediência coletiva” (PINTO, 2002).

Nesta época, não foram poucas as publicações, periódicos e veículos de comunicação de massa que, bastante afinados com o discurso do Estado, instigavam a condenação das Testemunhas de Jeová. Jornais como o Actualidades publicavam notícias com chamadas agressivas: “Testemunhas de Jeová. Praga asquerosa que se impõe extinguir

nem que seja à bruta” (19/07/1970). “Uma criminoso seita internacional mascarada de religião respeitável tenta subverter a nossa juventude” (referência incompleta, 1970).

Na Biblioteca Nacional, acumulam-se livros que apontam as Testemunhas de Jeová como seita (por exemplo, WOODROW, 1979), termo utilizado frequentemente em tom acusatório<sup>7</sup>. Essas obras anunciam os “enganos” da interpretação teológica dos TJ (OLIVEIRA, 1973) e instruem o leitor a desvencilhar-se do proselitismo dos pregadores (ALMENDRES, 1974). A mais antiga publicação da coleção é o folheto intitulado *As Testemunhas de Jeová*, publicado em 1956 pela editora Palavras da Vida. O folheto tem o propósito declarado de “dar a conhecer ao leitor alguns princípios e crenças desta seita” (1956, p. 5). Uma vez apontados os pontos de discordância dos TJ em relação ao catolicismo, conclui-se que é um “movimento que ensina uma forma pervertida de cristianismo e segue tão torta filosofia política, social e econômica” (1956, p. 16). Muitas dessas publicações foram lançadas pela Secretaria Nacional do Apostolado da Oração, grupo de leigos católicos sediado em Braga. Em 1963, na Radio Televisão Portuguesa foi exibida uma série de programas intitulada “Amanhã é Domingo” na qual um padre, João de Sousa, traçava um retrato das TJ e apontava os perigos que a organização religiosa oferecia (PINTO, 2002).

Assim, os Testemunhas de Jeová pareciam representar uma ameaça para o Estado Novo e para a Igreja Católica. O primeiro demonstrou preocupação com a desobediência e com as possibilidades de fortalecimento político do grupo. A campanha da Igreja, por sua vez, esforçava-se em afirmar que os TJ estavam enganados. O impacto dessas campanhas sobre as TJ era enorme.

Lourdes e Edgar, meus principais interlocutores dentre os Testemunhas de Jeová, lembravam-se daqueles tempos, pois já faziam parte da organização à época. Contaram-me que os encontros aconteciam na casa de alguns irmãos de maneira discreta, em grupos pequenos, para não serem descobertos. Grupos maiores encontravam-se, por exemplo, na praia, simulando um encontro de amigos num momento de lazer. Dessa forma também eram organizados os batizados. Grandes reuniões só poderiam ser realizadas fora do país.

Em 1974, com a instauração da democracia, os TJ conseguiram registro de associação religiosa sem fins lucrativos (Associação das Testemunhas de Jeová, 2000). A partir de então, deixaram de ser alvo de perseguições oficiais e puderam realizar seus cultos. Hoje em dia os Testemunhas de Jeová não enfrentam mais esse tipo de problema em Portugal. Seus salões estão espalhados por todo território português e multidões comparecem anualmente aos encontros realizados em espaços alugados<sup>8</sup>.

Após promulgação da Lei de Liberdade Religiosa (Lei n.º 16/2001 de 22 de Junho) os TJ conseguiram registrar-se como “Pessoas Colectivas Religiosas” em 2007. Em 2009 foram oficialmente reconhecidos como comunidade religiosa radicada em Portugal. Sua legitimação perante a lei foi conseguida porque cumpriam todos os requisitos para tal, dentre os quais o de “garantia de duração” (Lei n.º 16/2001, artigo 37º), que prevê ao menos 30 anos de atividades regulares no país ou 60 anos no exterior para a certificação<sup>9</sup>.

Entretanto, depois de uma trajetória de conquistas e de ter alcançado legitimação legal, os Testemunhas de Jeová não conseguiram se desvincular de um estigma. Não estão mais à margem da lei, mas se deparam constantemente com um conjunto de acusações e resistências socioculturais que passo a examinar em detalhes a partir de agora.

---

<sup>7</sup>Para uma discussão sobre o uso da noção de seita para hierarquização do campo religioso na França, ver Blanchard (1998), Hervieu-Leger (2001) e Giumbelli (2002).

<sup>8</sup> Em julho de 2008, por exemplo, estive presente em evento regional dos Testemunhas de Jeová. O Congresso de Distrito reuniu cerca 12 mil pessoas da região de Lisboa durante três dias de palestras e pregações no Estádio Nacional.

<sup>9</sup> O critério de “antiguidade”, seguindo a análise de Elias e Scotson (2000) pode ser entendido a partir da perspectiva de relações de poder entre estabelecidos (os “antigos”) e *outsiders* (os “novos”). A utilização desse critério, como mostraram os pesquisadores, contribui para a transmissão de padrões distintivos dos grupos estabelecidos, bem como de seus interesses.

## SANGUE? NÃO, OBRIGADO

Com o fim da guerra colonial e do Estado Novo, tornaram-se cada vez mais escassas as críticas à objeção de consciência por parte dos Testemunhas de Jeová. A Lei de Liberdade Religiosa considera, inclusive, regular a objeção de consciência (Lei n.º 16/2001, artigo 12º). Contudo, paralelamente à expansão dos TJ no mundo, a rejeição à transfusão de sangue ganhou cada vez mais evidência. Aspecto muito debatido na mídia, entre acadêmicos<sup>10</sup> e entre profissionais da saúde, a recusa pela doação e recebimento de sangue pelos Testemunhas de Jeová é bastante criticada e merece atenção, mesmo que não seja foco central deste artigo. A polêmica reforça um imaginário negativo em torno do grupo, considerado sectário e radical.

Conversei com Lourdes sobre o assunto. Ela explicava-me que, por motivos bíblicos, os TJ, além de não aceitarem transfusão de sangue, não comem carne de animal estrangulado porque ela retém o sangue. Eles só comem carne em que o sangue foi drenado — como a vendida nos supermercados. Seu pressuposto é de que o sangue é a vida e na vida só Deus tem o direito de interferir. Lourdes enfatizava que se trata de uma ordem de Deus, presente na bíblia, mas que os demais cristãos ignoram<sup>11</sup>.

Esta interdição está associada à noção de pessoa que, como observou Mauss (2003), é uma categoria histórica e socialmente construída. Para os Testemunhas de Jeová, a concepção de uma dualidade entre corpo e alma não faz sentido. Não se concebe a ideia de alma como algo transcendente e imortal, diferente do corpo. Dentro dessa concepção monista, a transfusão de sangue configuraria uma desintegração da própria pessoa (MONTENEGRO, 1996). Eu diria ainda que a transfusão de sangue é interdita porque o sangue é também alma, e por isso pessoal e intransferível — diferentemente da visão biomédica científica, que considera o sangue como um conjunto de elementos orgânicos, com características específicas e variáveis, mas sempre impessoal<sup>12</sup>.

As explicações sobre os motivos pelos quais o sangue não dever ser doado ou recebido, entre pessoas ou animais, eram sempre contrapostas às vantagens que a interdição acarretava: para os TJ e para a medicina. Por um lado, Lourdes sinalizava que muitas doenças transmitidas através do sangue acabam por ser evitadas com este procedimento. Por outro, ela enfatizava que o fato dos Testemunhas de Jeová não aceitarem a transfusão teria feito com que a medicina desenvolvesse pesquisa de novos métodos para a mesma situação, beneficiando não apenas os TJ, mas a população como um todo. Lourdes argumentava que, tendo outra opção de tratamento, a maioria das pessoas preferiria não receber transfusão.

Certo dia, Lourdes me mostrou um vídeo produzido pela sede dos Testemunhas de Jeová, nos EUA, que procurava elucidar a postura do grupo em relação à transfusão de

---

<sup>10</sup> Em busca por bibliografia sobre os Testemunhas de Jeová, deparei-me com uma vasta produção que se propõe a debater a recusa desses crentes pela transfusão de sangue e também soluções para o caso. A maioria do material publicado integra debates da área da saúde e jurídicos.

<sup>11</sup> Os TJ citam as seguintes passagens bíblicas para justificar a prática: Gênesis 9:4; Levítico 17:14; Deuteronômio 12:23; Atos 15:28, 29.

<sup>12</sup> Adicionaria a esta questão um comentário. É possível que uma leitura equivocada perceba a interdição ao sangue praticada pelos TJ como um princípio de distinção e critério de separação dos TJ em relação aos demais, tal qual sugeriu Almir Santos (1977) em sua dissertação de mestrado. A partir de meu trabalho de campo, eu diria que a análise não se aplica neste caso, e que não se trata de evitação da mistura do sangue “puro” com o “impuro”. Isto se torna evidente, por exemplo, na explicação proferida por um palestrante durante minha primeira visita ao Salão do Reino, na qual explicava aos “irmãos” que não deveriam se enganar com a autotransfusão (armazenamento do próprio sangue), porque ainda assim estariam indo contra os princípios bíblicos. Apenas Jeová teria o direito de manipular o sangue, a vida, a alma.

sangue<sup>13</sup>. Logo no início apresentavam-se alternativas de tratamento sem sangue. O vídeo enfatizava que a medicina teria convencido que, para solucionar a perda de sangue, a transfusão deve ser feita. E como convenção, deveria ser relativizado. No contraponto, relativizava-se a ideia de que os Testemunhas de Jeová são contra a vida porque não aceitam transfusão. Os TJ não aceitam este tipo de tratamento, mas não querem morrer.

A primeira reunião pública a que assisti no Salão das Testemunhas de Jeová localizado na freguesia da Ajuda, Lisboa, tratava justamente da questão do sangue. O palestrante convidado esclarecia que os Testemunhas de Jeová são a favor da medicina e não acreditam em curas através da fé. Contrapunha-se, por exemplo, aos grupos pentecostais que praticam ritos de cura e campanhas pela saúde, entendendo que o poder divino e a fé são capazes de atuar sobre o corpo e/ou bloquear a ação de demônios causadores de doenças. Ele também frisava que os Testemunhas de Jeová nunca devem dizer que preferem morrer a receber sangue. Que devem dizer que querem viver e aceitam qualquer tipo de tratamento, exceto a transfusão.

Com isso, ficava claro que os Testemunhas de Jeová elaboravam frequentemente respostas aos estranhamentos e reações das quais eram alvo. No encontro, um dos focos de resistência e estigmatização do grupo era identificado, destacado e debatido. O palestrante dirigia-se a leigos como eu, uma estudante<sup>14</sup> e pesquisadora curiosa, que não entendia os motivos pelos quais os TJ não aceitavam sangue. A palestra também preparava os TJ presentes para lidar com possíveis questionamentos em relação a suas crenças. Em especial, o palestrante enfatizava que os TJ desejam o tratamento médico, mas buscam procedimentos que não envolvem a transfusão de sangue. Os principais argumentos eram construídos num diálogo com a medicina e com os direitos humanos e o direito do paciente fazer sua opção de tratamento.

Coerentes com essa orientação, atualmente os TJ carregam consigo um documento que informa sua recusa a receber transfusão sanguínea. Nele constam informações de procedimentos médicos alternativos que podem ser utilizados em caso de necessidade. Há também o nome de profissionais que podem ser contatados para mais esclarecimentos. A própria organização dispõe de uma comissão médica para dar assessoria aos fiéis.

A interdição à transfusão de sangue é o aspecto que ganha maior visibilidade nos debates públicos sobre os Testemunhas de Jeová, despertando críticas e ocupando espaço nos meios de comunicação com relativa frequência<sup>15</sup>. Entretanto, se este era o principal ponto de choque cultural no espaço público midiático, a forma de proselitismo face a face praticado pelos TJ suscitava mais comentários nas redes de vizinhança.

## **LEVANDO AS “BOAS NOVAS”**

Em um de meus encontros para estudo bíblico com o casal Lourdes e Edgar, o tema central de nossa conversa foi a “pregação das boas novas”. O termo é utilizado pelos

---

<sup>13</sup> A Watchtower produziu uma série de três vídeos sobre a questão do sangue: “Estratégias alternativas à transfusão: simples, seguras e eficazes” (2000); “Transfusões e Cuidados Alternativos de Saúde — Atendendo às Necessidades e aos Direitos do Paciente” (2000); e “Sem Sangue: A Medicina Encarou o Desafio” (2001). Não registrei o título do vídeo que assisti com Lourdes e Edgar.

<sup>14</sup> Do início ao fim de nossa convivência, meu estatuto em relação às TJ era de estudante. Em situações de grandes eventos dos TJ nos quais estive presente, e em visita à sede da organização, ficava claro o meu lugar quando Lourdes me apresentava a seus conhecidos. Eu não fazia parte da congregação; na melhor das hipóteses, era uma pretendente.

<sup>15</sup> Dentre as matérias publicadas em jornais de Portugal, destaco: “Arriscar a vida em nome da fé” (Diário de Notícias, 14/06/2009), “Só os adultos conscientes podem recusar transfusões” (Jornal de Notícias, 29/06/2005), “Testemunhas de Jeová discordam do parecer sobre transfusões de sangue” (Público, 28/06/2005), “Médicos defendem vida contra crenças religiosas” (Diário de Notícias, 15/04/2005).

TJ para se referir a sua tarefa de levar a toda população mundial a mensagem de que haverá um paraíso na terra após o Armagedom — “o fim do sistema de coisas”, para utilizar a expressão considerada precisa pelos Testemunhas de Jeová. Os TJ consideram que, desde 1914, estamos vivendo um momento de transição em que Cristo, ao lado de Jeová, está travando uma batalha com o “iníquo”, Satanás, e dando oportunidades para que as pessoas reconheçam-no como Deus, aceitem-no, se batizem e modifiquem seu comportamento. Todos, homens e mulheres, teriam a possibilidade de escolher viver no paraíso terrestre, o Reino de Cristo. Os TJ consideram que “a destruição das pessoas más e a remoção do governo perverso são essenciais para a restauração da verdadeira paz e prosperidade na Terra” (A vinda de Cristo, [www.watchtower.org](http://www.watchtower.org), acesso em 10/04/2010). Eles também creem na segunda vinda de Cristo para cumprir sua missão de transformação do mundo em paraíso, mas não em forma humana.

Lourdes também me explicou que, para uma pessoa ser salva e ter vida eterna (os TJ creem que haverá vida eterna na terra paradisíaca para aqueles que forem salvos), em primeiro lugar, é necessário o batismo, ou seja, a aceitação pública de mudança de modo de vida e a declaração de que, a partir daquele momento, o convertido seguirá exclusivamente o deus Jeová.

Em segundo lugar, é importante que um Testemunha de Jeová envolva-se no proselitismo, e compartilhe seu testemunho e o conteúdo assimilado. Lourdes associou o proselitismo ao segundo mandamento cristão que se refere a amar ao próximo. Ela me dizia que a pregação é uma prova de amor pela humanidade. Por isso, as testemunhas vão pregar, debaixo de chuva ou de sol. De acordo com o primeiro mandamento, explicava-me Lourdes, devemos amar a Deus sobre todas as coisas. Quem ama a Deus precisa dar provas. No raciocínio apresentado por Lourdes, as provas são as obras, ou seja, a pregação.

Em 1953 a organização implantou um sistema de treinamento, de modo que todos os convertidos fossem capazes de pregar de casa em casa (Sentinela, 13/07/1979). O proselitismo, chamado “saída ao campo”, envolve diferentes práticas. O “testemunho informal” é aquele que pode e deve ser praticado em todas as oportunidades que surgirem ao longo da rotina do crente (MONTENEGRO, 1996). Nesse contexto, a Testemunha de Jeová é incentivada a sempre estar pronta para dar o seu testemunho ou transmitir a mensagem religiosa.

As aulas que eu tinha com Lourdes faziam parte desse exercício proselitista. Pude perceber que depois de certo tempo, passava a ser importante que eu, além de entender o que me era transmitido, fosse capaz de explicar com certa precisão lógica e didática as informações que eu recebia. Lembro-me de que não fui muito bem nos “testes” que a professora me aplicou.

Uma vez ela propôs revisarmos o conteúdo de um capítulo no qual era explicado o nome de Jeová. Apontou para as letras em hebraico e me perguntou o que eram. Respondi de maneira bastante objetiva: que ali estava escrito Jeová. Mas ela não ficou satisfeita com a minha resposta. Começou a me explicar tudo de novo, em detalhes: que aquele era o tetragrama, no qual não são escritas as vogais, somente as consoantes do nome de Deus que aparece no “Antigo Testamento” original quase 7.000 vezes. E seguiu com mais informações. Disse-me, por fim, que da próxima vez eu saberia explicar. Foi quando me dei conta de que não bastava saber o sentido geral da mensagem, mas era preciso assimilar o didatismo.

Além da pregação individual e informal, havia a pregação porta a porta, esta sim formal e realizada sempre em duplas. Essas saídas são sempre organizadas a partir de um mapeamento da região geográfica pela qual cada congregação é responsável. O “território” ou “terreno” é distribuído entre as duplas de publicadores, que possuem uma ficha na qual assinalam se conseguiram ou não contatar o morador, se deixaram ou não alguma publicação.

Lourdes explicava-me que o “instrutor de campo” costuma ter um mapa e registrar tudo que é feito pelo grupo que coordena. Tirou da bolsa, de dentro de uma espécie de arquivo de bolso, cartões com traçados de ruas, seus respectivos nomes, e números das casas a visitar. Depois me mostrou o caderno com suas anotações sobre lugares em que tinha estado e o que havia se passado.

Quando é deixada uma publicação, depois de um tempo os publicadores retornam à residência, procurando estabelecer um diálogo. As casas onde não são bem recebidos e notam algum tipo de hostilidade são marcadas para que não voltem a ser visitadas (MONTENEGRO, 1996). Contudo, Lourdes esclareceu que, mesmo assim, depois de algum tempo, é prevista a volta ao local, pois pode acontecer de o morador ter uma nova postura ou ter havido uma troca de residentes.

Havendo interesse do morador, é iniciado um estudo bíblico, em geral conduzido uma vez por semana na casa do interessado. No meu caso, foram combinados, inicialmente, estudos quinzenais, e, em um segundo momento, semanais, realizados em diferentes locais, de acordo com a ocasião.

A duração do estudo varia conforme o ritmo de leitura do livro adotado. O meu durou mais de seis meses, pois, além de nossos encontros serem, numa primeira fase, muito espaçados, eu geralmente aproveitava a ocasião para fazer diversas perguntas, nem todas diretamente relacionadas ao assunto do estudo. Os assuntos dos encontros seguiam a sequência do livro “O que diz a bíblia?”. Lourdes me ofereceu a publicação, assim como uma bíblia, para que eu pudesse acompanhar as explicações<sup>16</sup>. Valorizava meu aprendizado no manuseio da escritura, elogiando-me quando eu conseguia achar com rapidez o trecho solicitado.

A valorização à consulta da bíblia como fonte de verdade estava atrelada à ideia de que o estudante deve ser capaz de tê-la como referência central e dela extrair o máximo de informações, através de uma interpretação, na maioria das vezes, literal – o chamado “biblicismo” (cf. BECKFORD, 1975) – e ao mesmo tempo racional. Entre os TJ, o estudo e o uso da razão aparecem como fundamento da fé e como prática estruturante da rotina do religioso.

Ao combinar com Lourdes nossos encontros para estudo bíblico, expliquei que eu tinha como objetivo aproveitar a oportunidade para coletar dados para minha pesquisa acadêmica. Quis deixar claro que não tinha intenção de ser Testemunha de Jeová. Ela me respondeu dizendo que eu não tinha nenhum compromisso em me tornar uma TJ. Disse-me que isso era normal, pois geralmente as pessoas iniciavam um estudo por curiosidade. Mas revelou: “... porque ninguém nasce com fé. A fé é cultivada, conquistada com o tempo e com o estudo”. Então, Lourdes me contou sobre seu processo, quando iniciou o estudo bíblico e foi cativada pela forma como a razão era acionada pelos TJ: “para tudo havia uma explicação”. E continuou de forma elogiosa, entre um comentário e outro: “Não há mistérios”, “o Senhor Jeová não deixa de esclarecer nada”, “é a maravilha de Jeová”<sup>17</sup>. Lourdes também almejava conquistar-me pela razão.

Os encontros individuais de estudos incluem uma oração no início, realizada em voz alta por apenas uma pessoa, e outra no final. Nas reuniões semanais que acontecem

---

<sup>16</sup> Entre os Testemunhas de Jeová, as publicações não são vendidas, mas sempre doadas. Há uma caixa de contribuições destinada a esse fim, na qual os próprios publicadores, de acordo com as suas possibilidades, como me explicou Lourdes, contribuem para a impressão do material. Da mesma forma é mantido o Salão do Reino — a partir de contribuições daqueles que frequentam o espaço.

<sup>17</sup> Em pesquisa entre famílias de Testemunhas de Jeová em Portugal, Monteiro (2005) apontou que o estudo bíblico oferecido a domicílio pelas TJ surge como uma possibilidade de ter acesso a um capital simbólico, valorizado dentro da tradição católica e, ao mesmo tempo, atribuído a uma ascensão hierárquica. A socióloga considerou que o estudo bíblico permite acesso a um conjunto de informações consideradas de circulação restrita. Assim, a dimensão intelectual, valorizada pelos TJ, pode ser considerado um atrativo.

nos Salões do Reino, além da oração inicial e final, há também um cântico de louvor de abertura e outro de encerramento. De maneira contida, os presentes acompanham a canção em seus livros, seguindo a marcação dada por um órgão eletrônico em *playback*. Terminado o estudo bíblico individual, normalmente o estudante é convidado a participar das reuniões de estudo no Salão. De vez em quando eu participava de uma reunião ou outra, sempre convidada por Lourdes.

As horas de pregação e estudo bíblico costumam ser sempre contabilizadas pelo próprio publicador e depois somadas com o restante da congregação. Dessa forma, mantém-se um registro das atividades realizadas por cada congregação e acompanha-se o sucesso do andamento da missão proselitista.

## CONSTRUINDO-SE TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Ao realizar o trabalho de campo, as Testemunhas de Jeová são facilmente identificadas por sua forma de (auto)apresentação e abordagem.

É uma cena comum em quase todos os países do mundo. Duas pessoas bem vestidas aproximam-se de uma casa e procuram transmitir ao morador uma breve mensagem da Bíblia sobre o reino de Deus. Se ele mostrar interesse na mensagem, talvez apresentem publicações bíblicas e ofereçam um curso bíblico gratuito, em domicílio. Daí se dirigem para a próxima casa. Se você participa deste trabalho, é provável que perceba que a maioria das pessoas o reconhece mesmo antes de você começar a falar. De fato, o ministério de casa em casa tornou-se a nossa marca registrada (Sentinela 13/07/2008, p. 3)

A passagem que consta na revista de estudos das Testemunhas de Jeová sublinha a percepção de que sua identidade é reconhecida pela forma utilizada pelos pregadores para o proselitismo. E isto é um fato. Lembro-me de que, quando fui visitar a sede das TJ em Portugal, o Betel, localizado em Alcabideche, próximo a Lisboa, íamos Lourdes, Edgar e eu de carro quando passamos por duas Testemunhas de Jeová. Lourdes reconheceu de longe a dupla, embora não conhecesse as senhoras. Andando em par, com roupa elegante, saia abaixo do joelho e pasta na mão. “Com pasta na mão só poderiam ser duas irmãs”, exclamou Lourdes.

Não apenas os TJ se reconhecem mutuamente pelo modo de se apresentar em determinados contextos. Diversos relatos de interlocutores portugueses que não do grupo apontavam que eram capazes de reconhecer a distância um religioso em atividade proselitista – pela forma de vestir, pela atitude solícita, pelo material que carregam nas mãos, pelo fato de estarem em dupla.

Até chegar à pregação os TJ têm de assimilar, praticar e incorporar um conjunto de hábitos. Isto significa, geralmente, reconstruir-se como uma nova pessoa, reconfigurar o próprio corpo e reelaborar a apresentação de si. A maneira de ser — falar, se vestir e agir — faz parte do aprendizado de um certo modelo ideal produzido pelo grupo, tomando como base referências bíblicas e também padrões sociais. Percebi que o assunto era tratado de maneira explícita e direta. Lembro-me do dia em que Lourdes me convidou para uma reunião e, indicando uma passagem bíblica, explicava que as mulheres devem vestir saia em reuniões ou em atividades ligadas à igreja. A calça comprida poderia ser utilizada, desde que não fosse em nenhuma atividade de proselitismo, estudo ou adoração.

No único congresso de distrito do qual participei, circulava com Lourdes e ela sinalizava que era fácil distinguir um estudante de um irmão ou irmã – calça comprida das mulheres ou o cabelo comprido dos homens destoavam dos padrões estabelecidos. Apontou-me, então, jovens que seriam estudantes, comentando que o cabelo comprido não deve ser utilizado por homens porque sinaliza rebeldia. Completou dizendo que os Testemunhas de Jeová não são rebeldes e procuram ser pessoas muito corretas. Minha

interlocutora sinalizava assim a recusa de um símbolo, enquanto marca social.

Contudo, no mesmo congresso, Lourdes observou que nem todos os TJ haviam assimilado totalmente os padrões de comportamento cristãos. Enquanto tecia seus comentários, ela reparava no “desfile de moda” de alguns jovens. Falava dos abusos nos decotes, estranhava alguns sapatos de salto muito alto. Um dos temas abordados naqueles dias de encontro era justamente a questão do vestuário. Orientava-se que o TJ deve se vestir com dignidade, mas sem exageros de nenhum tipo, visando à boa apresentação com discrição.

Para o proselitismo de casa em casa os TJ passam por um treinamento no qual são instruídos com relação a seus gestos, postura e aparência, com base em estilos modelares. Cada um dos aspectos é abordado com detalhes, ao mesmo tempo que se valoriza certa “naturalidade”, alcançada com a boa preparação e com a prática. Sílvia Montenegro (1996) descreveu a transmissão de técnicas corporais que se entendem como sendo as mais adequadas às situações de proselitismo, configurando, juntamente com o estilo de fala, um determinado *ethos*.

Durante o treinamento, os TJ simulam abordagens, diálogos e condução de estudos entre si. São orientados em relação ao que falar e como falar; avaliados em relação à clareza, inteligibilidade, volume, pausas, ênfase, pronúncia e argumentação de seu discurso (MONTENEGRO, 1996). As recomendações com relação ao vocabulário utilizado e estilo de fala são abundantes. Deve-se utilizar o mesmo vocabulário presente nas publicações da organização. É considerado ideal que o publicador prepare frases com palavras-chave da mensagem a ser transmitida e que o faça com antecedência, garantindo que sejam estudadas e trabalhadas. Também deve se preparar para intervenções e perguntas de seu interlocutor (Ibidem).

À parte do treinamento, são realizadas semanalmente, em todos os salões, as chamadas Reuniões de Serviço, que visam, justamente, a abordar aspectos relacionados às atividades de proselitismo (Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino, 1993). Dessa forma, produz-se uma grande homogeneidade no estilo dos publicadores, o que faz com que os Testemunhas de Jeová sejam facilmente reconhecidos na sua atividade, não apenas localmente, mas internacionalmente. O mesmo padrão é válido para qualquer cidade ou país.

## OS MÉTODOS DE JEOVÁ

A padronização das atividades, publicações e proselitismo é garantida, em boa parte, por uma organização internacional — como gostam de frisar os TJ. Essa caracteriza-se pela pesada burocracia, na qual se destaca uma forte hierarquização, divisão rígida de papéis e tarefas e a busca constante de padronização de práticas. Um sistema bastante eficiente que preza pela precisão das ações, abrangendo desde a pontualidade nas reuniões até a observação de uma conduta moral rigorosa — aspecto que Lourdes e outros TJ gostavam de ressaltar como uma prova de que aquela é de fato a organização de Jeová.

A partir da sede da organização, localizada no Brooklyn, um corpo governante controla a empresa editorial e a reprodução da literatura distribuída em mais de 230 países. Há comitês responsáveis pelo acompanhamento do ensino e supervisionamento do conteúdo do material utilizado para instrução, pelo acompanhamento do trabalho de evangelização, pelas questões doutrinárias, pela coordenação de voluntários, entre outros (MONTENEGRO, 1996).

Também na sede de Nova York funciona a Escola Gilead, onde missionários — geralmente casais sem filhos — recebem treinamento intensivo de cinco meses para depois serem enviados a algum país para evangelização (Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino, 1993). Lourdes me mostrou um vídeo que retratava a rotina e o sistema de

funcionamento da escola. O tempo todo ela fazia breves comentários de passagens do vídeo, demonstrando seu entusiasmo com o sistema de funcionamento da organização.

Interessante contrastar a ênfase no controle e preparação do publicador com o destaque dado à capacidade de Jeová intervir no fluxo dos eventos. Em uma assembleia de circuito em Carnaxide, próximo à Lisboa, dois casos relatados focavam essa questão. O primeiro era a experiência de um casal que foi sequestrado por guerrilheiros na Colômbia. Dizia o orador que a chance de serem mortos era grande. Foram levados até o alto de uma montanha e, chegando lá, os sequestradores perguntaram ao casal: “que Deus é esse que os deixa serem capturados por guerrilheiros?” Eles responderam que costumavam pregar de porta em porta, de casa em casa, mas como os sequestradores não tinham casa, que Deus os fez raptar o casal para que pudesse chegar até eles a mensagem. Depois disso, passados alguns dias, eles foram libertados.

Outra história contada foi a de um cego e um analfabeto que estavam pregando e bateram à porta de uma pessoa que havia deixado o seguinte bilhete do lado de fora: “Testemunhas de Jeová, favor, não perturbem”. Sem ter lido a placa, bateram e falaram com o homem, que após saber das limitações dos dois TJ, realizou o estudo bíblico e, por fim, converteu-se.

Após a assembleia, em um de nossos encontros, Lourdes voltou a comentar os casos comigo. Relembrando-os em detalhes, Lourdes concluiu que Jeová encontra todos os meios para fazer chegar a mensagem a todos, de tal maneira que nós nem imaginamos. Da mesma forma, implicitamente, acreditava que o fato de eu estar fazendo pesquisa sobre os TJ não era acaso, mas um caminho para minha aproximação de Jeová.

Os casos e os comentários de Lourdes sinalizam que, apesar da homogeneidade da pregação, há situações que surgem de maneira não premeditada e são bem-sucedidas. Sem dúvida, podemos destacar a capacidade dos evangelizadores treinados de responder adequadamente a tais situações. Todavia, entende-se que o agente responsável aqui não é o publicador, mas sim Jeová. Diante da tarefa de espalhar as “boas novas”, ele é capaz de promover intervenções, e fazer com que a pregação, por regra homogênea e padronizada, tenha eficácia diante de circunstâncias específicas. Ainda assim, a capacidade de intervenção divina não evita o surgimento de situações delicadas. Muito pelo contrário: desafios são previstos.

## **FACE A FACE COM AS RESISTÊNCIAS**

Ao longo dos nossos encontros, Lourdes e Edgar comentaram diversas situações vividas durante as pregações. Muitas das vezes os episódios serviam para ilustrar assuntos do próprio estudo bíblico. Num dia, Lourdes me falou de dois momentos delicados que vivenciou. O primeiro foi na rua, quando ela e outra TJ iam para o campo para pregar. Ao passar por uma moça que aguardava na paragem de autocarros, ela teria dito: “você não sabem como eu vos odeio”, reproduziu minha professora com uma expressão de agressividade.

Lourdes comentou o episódio da seguinte maneira: “ela não pode odiar-me porque nem me conhece. Ela odeia o que eu represento”. Relatou que as pessoas sabem identificar as Testemunhas de Jeová, citando novamente as características de maior visibilidade: andam em dois, com bolsa na mão, abordam as pessoas de uma maneira simpática: “bom dia, como vai a senhora, tudo bem?”, disse Lourdes.

Minha interlocutora destacou três aspectos. 1) Um conjunto de atributos tornava fácil o reconhecimento das Testemunhas de Jeová, sem que fosse necessário anunciar o pertencimento. E a fácil identificação do pertencimento ao grupo, por meio da estereotipia, gerava uma reação. 2) Lourdes espantava-se que atributos que ela considerava positivos — como a gentileza, a polidez —, fossem rejeitados por seus interlocutores. Um atributo que

poderia ser desejável tornava-se um atributo negativo — a inconveniência — na situação de proselitismo. 3) Ao tecer esse comentário, Lourdes apontava o reconhecimento de um estigma vivido pelos TJ, ao mesmo tempo em que mostrava sua indignação com a rejeição que sofria.

As marcas que promovem o reconhecimento das TJ são capazes de despertar não apenas rejeição, mas também um comportamento agressivo que impede — ou tem o objetivo de impedir — a aproximação proselitista. É tarefa desses cristãos, porém, viabilizar a abordagem e torná-la bem-sucedida. Na sua persistência proselitista, é inevitável que deparem-se com muitos que não são simpáticos ao grupo. Mais do que isso, muitas dessas pessoas se sentem incomodadas pela interação que os TJ tentam promover.

O segundo episódio contado por Lourdes aconteceu durante uma pregação de casa em casa. Um dia, ela bateu na porta de uma residência e ninguém abriu. Lá de dentro, uma criança (a voz era de criança) respondeu que estava sozinha. Lourdes, então, disse que voltaria mais tarde e a criança, sem abrir a porta, gritou do lado de dentro: “eu não vos posso nem ver na minha frente”, reproduziu ela em tom de escárnio. Lourdes se admirou: “uma criança! Pois Satanás não está a poupar ninguém”, estranhando que alguém em tenra idade já tivesse assimilado a percepção estereotipada e estigmatizante do grupo religioso.

Minha interlocutora então me explicou que não ficava triste por si mesma ao enfrentar tais situações, pois, naquele momento, considerava estar cumprindo seu dever. Explicou-me ela: é Jeová quem possibilita ou não a boa recepção. É tarefa dele fazer com que a mensagem seja bem recebida. Ou seja, estava fora de controle do publicador a recepção da mensagem emitida. Sua tarefa era preparar-se bem e ir até as pessoas. A reação dos receptores à mensagem que levava não era de sua responsabilidade. Também não era de responsabilidade dos seus interlocutores.

Os sentimentos de Lourdes em relação à resistência ao proselitismo pareciam oscilar. Algumas vezes demonstrava surpresa e indignação, outras indicava certa comoção pelas pessoas não serem receptivas à mensagem proselitista. Lourdes dizia-me que tinha pena daqueles que não dão ouvidos à pregação, pois, de acordo com a cosmologia partilhada pelas Testemunhas de Jeová, é Satanás quem atua para que elas não ouçam a Jeová e, assim, não tenham a possibilidade de serem “salvas” e viverem eternamente na terra paradisíaca. Neste contexto, dizia-me repetidamente que as pessoas estão apáticas e indiferentes, inconscientes do que se passa no mundo. Ou seja, as resistências e distanciamentos que se impõem através da identificação estereotipada dos TJ e de sua estigmatização social eram entendidas como parte da ação demoníaca.

Tomarei um novo exemplo para explicar melhor. Em outro dia de estudo bíblico conduzido por Lourdes na companhia de Edgar, o assunto retornou e ela contou-me mais um caso: recentemente tinha ido à casa de uma senhora que concordava com tudo que ela dizia. Foi muito simpática e reagiu bem à pregação. Lourdes perguntou então se a interlocutora não gostaria que as TJ voltassem para conversar outro dia, para falar de pormenores. A senhora consentiu. Mas ao retornar na data marcada, Lourdes percebeu que “ela era outra pessoa”. Que não queria mais saber de estudo, nem de nada. Que tinha mudado completamente na forma de tratá-la. Então, concluiu Lourdes: “quem esteve lá? Satanás andou a visitá-la, ou a família dela colocou obstáculos, o que dá no mesmo”. Nesse caso, Lourdes identificava a probabilidade de interferência direta ou indireta da entidade demoníaca.

Para os TJ, Jeová criou apenas criaturas espirituais boas, mas um anjo se rebelou e se tornou mau. Este é Satanás, o Diabo, que teria o desejo de ser adorado por todos. Outros anjos o seguiram e passaram a colaborar com Satanás. Foram expulsos do céu e lançados para baixo, para a Terra, onde causam “tribulações” e “enganam as pessoas” (Espíritos Mortos, 1991, p. 10). Influenciam-nas através de visões ou vozes. Satanás e seus parceiros, os demônios, são cruéis e perigosos: “eles flagelam algumas pessoas com

doenças. Molestam outras à noite, privando-as do sono ou fazendo-as ter sonhos aterrorizantes. Abusam de outras sexualmente. E ainda levam outras à loucura, ao assassinio ou ao suicídio” (Ibidem, p. 12). Além disso, fazem crer que os mortos estão vivos como espíritos, sustentam “religiões falsas” que apregoam “mentiras religiosas” (Ibidem, p. 15).

Assim, um TJ precisava estar preparado para lidar com adversidades, entendendo-as na sua complexidade cosmológica, ao mesmo tempo que deveria estar atento às interferências de entidades malévolas e ser capaz de identificar suas formas de atuação.

## **ENFRENTANDO SATANÁS E MANTENDO PRECAUÇÕES**

Certa vez, perguntei a Lourdes sobre o motivo da pregação dois a dois. Ela explicou-me que é uma orientação bíblica. Primeiro, um faz companhia ao outro. Pode acontecer de um ser menos experiente que o seu par e estar lá para lhe dar apoio. Pode também, diante de uma situação mais complicada, uma pessoa estar falando e a outra estar pensando em outros pontos de argumentação para dizer em seguida. Pode ainda ser necessário que a pessoa ore no seu íntimo, enquanto a outra prega. Explicou-me que isso é necessário principalmente quando visitam pessoas que estão possuídas.

Lembrou-me então de uma vez em que estive pregando na casa de uma pessoa que sofria interferência demoníaca. A mãe aceitou o estudo bíblico, mas Lourdes percebia que, na presença da filha, não se sentia bem. Sua mente ficava confusa, faltavam-lhe argumentos para a pregação, mesmo tendo tanto tempo de experiência no proselitismo. Então, conversando com a mãe da jovem, Lourdes soube que ela ouvia vozes, que via espíritos e que era atordoada por demônios. Lourdes explicou-me que, nesses casos, tem de se orar muito a Jeová para que a força dele esteja presente. A situação não foi fácil naquele dia, mas ela obteve sucesso porque a força de Jeová é maior do que a de Satanás, disse-me Lourdes.

Como se observava, a oração é a principal arma contra a ação de Satanás – cuja atuação é identificada por sinais. O Testemunha de Jeová não estabelece uma relação direta com essa alteridade sobrenatural, mas, através da oração, invoca a Jeová para que atue no plano que somente é acessível a ele. Ou seja, para o publicador, todo cuidado com o preparo formal – da aparência, da linguagem, do estudo – não é suficiente para driblar obstáculos no campo proselitista. Ele precisa de outro instrumento, de comunicação com o transcendente, para lidar com a alteridade espiritual que cria obstáculos na sua missão. Quer realizadas de maneira explícita ou incógnita, as orações eram utilizadas com frequência pelos Testemunhas de Jeová na tarefa proselitista. O recurso ao sobrenatural estava incluído nas práticas modeladas para uma missão bem-sucedida.

O distanciamento que os Testemunhas de Jeová procuram manter em relação ao mundo governado por Satanás encontra, no proselitismo face a face, seus maiores desafios. É ali, na tentativa de persuasão daquele outro diante de si, em circunstâncias geralmente desfavoráveis, que os TJ desafiam o que seria a verdadeira alteridade: a entidade chamada Satanás.

## **DISTINÇÃO E APROXIMAÇÃO**

No início deste artigo apresentei a situação das Testemunhas de Jeová enquanto grupo religioso presente em Portugal desde o início do século XX, que passou, ao longo de sua trajetória, por uma variação na sua receptividade, bem como no seu status social. Ainda que os TJ hoje tenham uma aceitação legal e apresentem um crescimento significativo, permanecem estereótipos que conferem ao grupo uma imagem negativa e um lugar marginal. Tal lugar social torna-se explícito nas interações face a face entre as Testemunhas de Jeová, em plena atividade proselitista, e seus interlocutores. Sem dúvida, a polêmica em

torno da questão do sangue e um proselitismo insistente e, de certa forma, invasivo colaboram para uma má reputação do grupo. Um comportamento até certo ponto padronizado facilita a identificação de um Testemunha de Jeová, que sabe que sua identidade é estigmatizada e está pronto para tentar superar tal estigma na interação face a face.

É interessante destacar que os TJ procuram distinção dos demais, seja em relação a sua crença — considerada a verdadeira interpretação da bíblia —, em relação à organização — considerada a única que atua, de fato, em nome de Deus —, ou em relação a sua condição de convertidos e, portanto, aqueles que estariam, de fato, próximos à salvação. O distanciamento que se impõem em relação ao mundo e a avaliação que fazem em relação ao “sistema de coisas” colabora para uma dinâmica de produção de segregação. Por um lado, os TJ sublinham distâncias entre eles e os outros — que estão vivendo no reino de Satanás. Por outro, são tratados com relativa distância por aqueles que desejam cativar. Ao mesmo tempo que querem ser reconhecidos por seus atributos positivos, estes frequentemente assumem conotação negativa no proselitismo. Procuram marcar que diferenciam-se dos demais no plano religioso, mas buscam criar pontes de acesso à alteridade, numa intenção de transmitir sua mensagem, gesto considerado misericordioso. Nesse jogo de distinção e tentativa de aproximação, os TJ consideram que o maior agente causador de obstáculos é o próprio Satanás e, para lidar com suas influências, é preciso destreza. Seja no plano das ideias, seja numa reatividade emocional, tal entidade é capaz de agir de diferentes maneiras e impedir a boa recepção da mensagem.

Sendo assim, para os TJ, o seu próprio estigma — que os coloca numa posição de inferioridade ou de marginalidade — não é mais do que a prova de que estamos vivendo no Reino de Satanás, onde o “bem”, o bom comportamento e as atividades feitas por orientação do próprio Deus são rechaçadas. Através da valorização da razão, procuram elaborar respostas que expliquem a tensão que vivem, especialmente no momento de proselitismo face a face. Naquela situação, o TJ tem de superar um conjunto de estereótipos e driblar a interferência do “iníquo” com uma atuação treinada e com a ajuda do agente divino.

Poderíamos dizer que estamos diante de uma dinâmica social em que a produção de estereótipos e estigmas é reconhecida, interpretada e reelaborada a partir de uma leitura cosmológica específica. Nesse contexto, a resistência é esperada e cosmológicamente prevista. E fronteiras tendem a serem mutuamente reforçadas e reestabelecidas.

## **Referências:**

ALMENDRES, G. M. **Testemunhas de Jeová em minha casa?** Lisboa: Sampedro, 1974.

**ANUÁRIO das Testemunhas de Jeová 2012.** São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e tratados, 2013.

ASSOCIAÇÃO das Testemunhas de Jeová [org.]. **As Testemunhas de Jeová em Portugal:** implantação histórico-social. Alcabideche: A.T.J., 2000.

**AS TESTEMUNHAS de Jeová.** Lisboa: Publ. Palavras da Vida, 1956.

BLANCHARD, A. **Le religieux controversé, la constitution du "problème des sectes" comme problème public.** Mémoire de troisième cycle, École Normale Supérieure de Cachan, 1998.

BECKFORD, J. **The trumpet of prophecy**: A sociological study of Jehovah's Witnesses. New York: Wiley, 1975.

ELIAS, N., SCOTSON, J. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

**ESPÍRITOS Mortos**. São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1991.

GIUMBELLI, E. **O fim da religião**: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

HÉRVIEU-LÉGER, D. **La religion en miettes ou la question des sectes**. Paris: Calmann-Lévy, 2001.

MAUSS, M. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do 'eu'. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MONTEIRO, T. M. R. L. **Famílias e novos movimentos religiosos**: trajectória familiar, individualização e identidade espiritual. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa/Departamento de Sociologia, Universidade de Lisboa, 2005.

MONTENEGRO, S. **Esperando o milênio. Proselitismo, cosmologia e linguagem entre as Testemunhas de Jeová**. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

OLIVEIRA, J. **Testemunhas de Jeová e seus enganos**. Braga: Pax, 1973.

**O QUE a bíblia realmente ensina?** Itália: Testimoni di Geova, 2005.

PINTO, P. “Testemunhas de Jeová. Uma minoria perseguida no Estado Novo”. **História**, 48, p. 38-45, 2002.

SANTOS, A. **Os Testemunhas de Jeová**: uma análise de alguns aspectos simbólicos relativos a ideologia do grupo. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.

**TESTEMUNHAS de Jeová** — Proclamadores do Reino. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993.

TESTEMUNHAS de Jeová queixam-se de intolerância. **TVi24**. 28/07/2008, disponível em <<http://diario.iol.pt/sociedade/testemunhas-de-jeova-religiao-cristianismo-biblia-aborto-transfusoes/975224-4071.html>>, acesso em 30/07/2008.

TESTEMUNHAS de Jeová reconhecidas como comunidade religiosa radicada em Portugal. **Público**, 07/10/2009, disponível em <<http://www.publico.pt/>>, acesso em 12/03/2010.

VAZ, L. **As testemunhas de Jeová**. Braga: Braga-Editora, 1967.

WOODROW, A. **As novas seitas:** os meninos de Deus, moonistas, devotos de Krishna, Testemunhas de Jeová, Igreja de Cientologia, etc. Apelação: Paulistas, 1979.